



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING

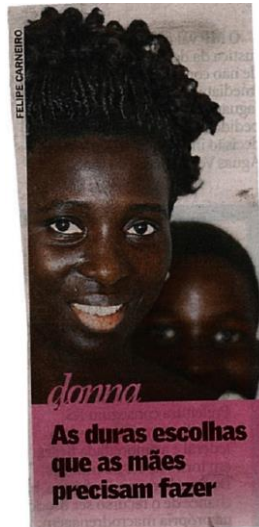


Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

06 e 07 de maio de 2017

A Notícia
Capa e Donna
"Escolhas de quem ama"

Escolhas de quem ama / Dilemas de mãe / Ermelinda Quintunda / Escolhas / Virgínia do Vale / Gravidez / Parto normal / Cesariana / Florianópolis / Parto humanizado / Fernanda Schweitzer / Adaptação / Filhos / Universidade Federal de Santa Catarina / PEC-G / Programa de Estudantes-Convênio de Graduação / Brasil / Guiné-Bissau / África / Curso de Serviço Social / Curso de Ciências da Computação / Aline Ledoux / Maternidade



Diariamente fazemos escolhas. Desde as mais banais, como escolher entre café ou chá pela manhã, até as mais complexas, que mudam a vida da gente e, justamente por isso, tiram o sono, dão frio na barriga, apertam o coração. Ser mãe faz parte dessas escolhas importantes e definitivas, em que lidar com dilemas e tomar decisões torna-se um exercício constante, de resultados nem sempre previsíveis e controláveis, iniciado antes mesmo da chegada da nova vida.

Escol

Parto normal, cesárea ou humanizado?

Ao descobrir a primeira gravidez, Virginia do Vale, 26 anos (foto ao lado), começou a pesquisar sobre parto normal, era assim que ela queria que Tereza nascesse. Manteve uma alimentação saudável, cortou o café e os doces, praticou atividades físicas. Tudo parecia bem, mas, na última consulta, o médico disse que ela estava com pouco líquido amniótico (líquido com diversas funções, como envolver e proteger o bebê de choques e movimentos bruscos) e seria mais seguro fazer uma cesariana.

– Eu tinha me preparado muito para o parto normal. Fiquei frustrada por não ser como eu desejava, mas não podia colocar em risco a vida da minha filha. Prefiro confiar no profissional do que desconfiar e levar essa desconfiança para o resto da vida – lembra Virginia, na época com 23 anos.

Três anos mais tarde a experiência seria diferente. Numa manhã de outono em Florianópolis, após nove horas em trabalho de parto, nasceu Joaquim, menino forte e saudável, com 51 centímetros e quase quatro quilos.

– Fiz todo o acompanhamento na rede pública de saúde e escolhi ter o bebê em uma maternidade particular que é referência em parto humanizado. Eu estava mais tranquila, criei menos expectativas nessa segunda vez. Nem acreditei quando o parto terminou e eu tinha conseguido. Senti uma felicidade inexplicável. Com certeza, o parto normal é melhor, a recuperação é muito mais rápida, mas acho que as mães não devem ficar se cobrando, nem sempre é como planejamos – diz ela, que tempos depois da cesariana da

primeira filha ainda ouvia palpites sobre o que deveria ter feito e julgamentos de quem acha que “mães de verdade” são as mulheres que tiveram parto normal.

Em licença maternidade da loja de roupas onde é subgerente, Virginia curte a chegada de Joaquim e a interação da filha mais velha com o pequeno. Mesmo com apenas um mês e meio de vida, ele já conquistou o coração da irmã de três anos.

–Tereza é muito carinhosa com ele, diz que Joaquim é o melhor amigo dela – comove-se.

Virginia e o marido ainda não decidiram se as crianças vão para a escolinha quando a licença maternidade acabar. Inicialmente, elas ficarão aos cuidados dele, que consegue trabalhar de casa e tem horários mais flexíveis.

Com quem ficam as crianças?

Quando ambos trabalham fora e em período integral, decidir com quem deixar os filhos é um dos grandes dilemas. Fernanda Schweitzer, 32 anos, analista de recursos humanos e doutoranda em Ciência da Informação, visitou cinco escolas antes de decidir onde o filho Max iria passar o dia.

– Eu queria um lugar em que dessem bastante atenção para ele. Me importava com a questão da limpeza, estrutura física, quantidade de educadores para cada criança. Era meu primeiro filho e estava com cinco meses e meio, então foi bem difícil – lembra Fernanda.

Na época, ela optou por uma escola que utilizava a abordagem Piaget, pedagogia para crianças de zero a três anos baseada nos princípios da liberdade de movimentos, brincadeiras espontâneas e vínculo da criança com o educador. Em poucos dias, Max já estava adaptado à nova rotina, mas para Fernanda não foi

tão rápido assim.

– Em um dos dias de adaptação, dei o Max e pedi para ligarem depois dizendo como ele estava. Passava o tempo, era quase meio-dia e nada do telefone tocar. Preocupada, resolvei ligar, queria ir lá. A educadora disse que ele estava bem, tinha se alimentado e estava dormindo, não havia necessidade de eu ir até a escola. Chorei, fiquei arrasada pensando “como meu filho que até ontem dependia de mim para tudo, agora podia ficar longe da mãe?” – conta.

Passar pela mesma experiência com o segundo filho foi menos sofrido. Apesar da adaptação de Oto ter sido mais longa, pois ele chorava mais e recusava a alimentação, Fernanda estava mais tranquila e segura. Atualmente, Max (três anos) e Oto (um ano e dois meses) estão na mesma escola, escolhida entre uma série de critérios, como ser próxima de casa, ter área de lazer com grama natural, horta, alimentação saudável com

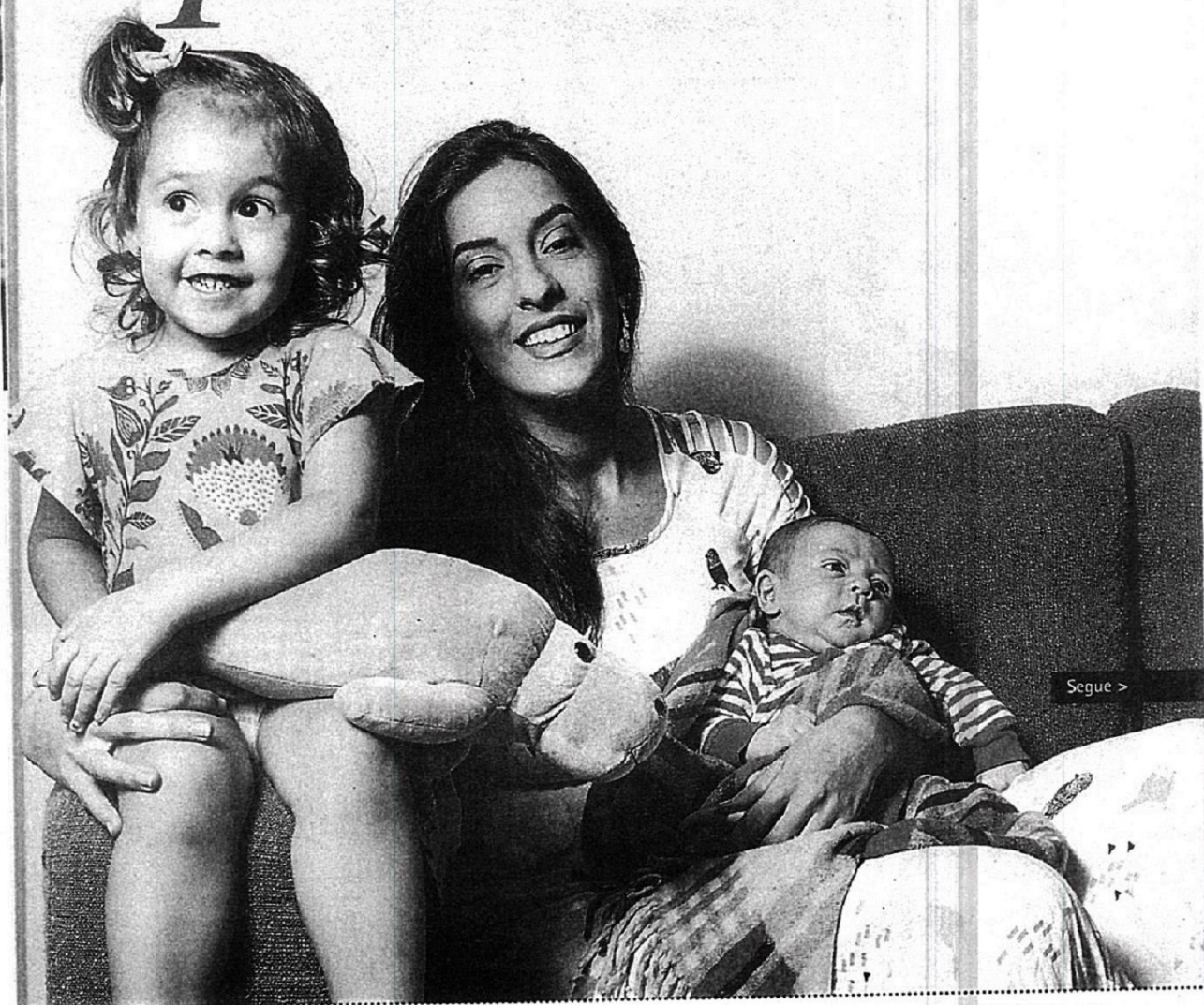
acompanhamento de nutricionistas e, um grande diferencial para os pais, colônia de férias.

– Não temos dois meses de férias do trabalho, então precisamos de uma escola que ofereça colônia de férias. Trabalhamos o dia inteiro, nosso tempo livre com as crianças é à noite e nos fins de semana – comenta.

Para lidar com os dilemas da criação dos filhos e da carreira, Fernanda acredita na importância de manter o diálogo aberto com o marido e pai dos meninos.

– Há momentos em que não temos as respostas. Nem tudo é lindo e maravilhoso, se alguém fala que é, desconfie. Tenho uma amiga que diz que ser mãe é pensar em fugir e no plano de fuga incluir os filhos, que eram o motivo da fuga! Aqui em casa tomamos as decisões a partir de muito diálogo, isso é nossa base. Sou mais racional, ele é mais passional, estamos sempre buscando o equilíbrio – diz Fernanda.

has de quem ama



Segue >

Ir ou ficar?

Em 2010, a notícia da aprovação para ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina por meio do PEC-G (Programa de Estudantes - Convênio de Graduação), programa que oferece formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais, foi como uma bomba de sentimentos explodindo dentro de Ermelinda Quintunda (na foto), 27 anos. Vir para o Brasil significava realizar o sonho de estudar em uma universidade pública e conceituada, mas ao mesmo tempo deixar o filho de quatro anos na Guiné-Bissau, país com cerca de 1,8 milhão de habitantes na costa ocidental da África.

— Foi o maior dilema da minha vida. “Quero ir, não quero ir”, vários pensamentos passaram pela cabeça e eu comecei a sentir uma saudade antecipada do meu filho — recorda a estudante de serviço social.

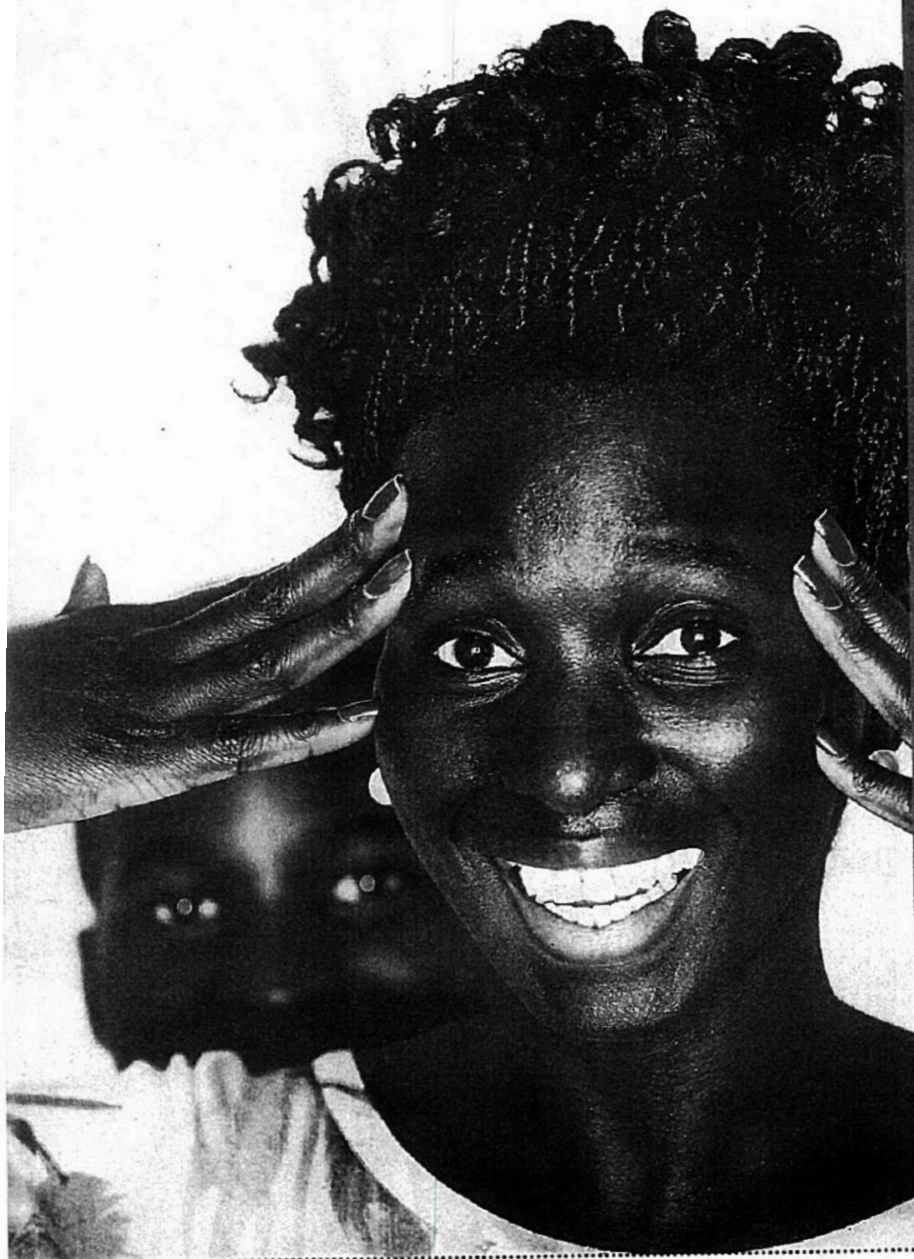
As incertezas sobre como seria sua rotina de estudos e o custo de vida em Florianópolis fizeram Ermelinda deixar Efraim aos cuidados da avó paterna. Era a garantia de que ele estaria bem cuidado e no convívio familiar até as coisas se ajustarem em terras brasileiras, onde o pai do menino havia chegado um ano antes para estudar ciências da computação.

Na casa da família, em Bissau, não havia acesso à internet, por isso a comunicação com o filho acontecia apenas por telefone, aos domingos. No início, o menino era falante e curioso sobre a vida dos pais no Brasil. Com o passar do tempo, ele foi ficando mais calado e menos interessado ao telefone, e isso causava uma dor profunda no coração de Ermelinda. A situação financeira do casal não era das melhores: vida de estudante, dinheiro contado, constantes mudanças de endereço. Mas ela já não podia suportar a distância. Em 2014, com a ajuda de familiares e algumas economias, foi possível trazer Efraim e colocar um ponto final na saudade de quase quatro anos.

— Tive que recriar os laços com meu filho quando ele veio morar aqui. Perguntei por que ele falava pouco, e ele disse que era por não estar acostumado comigo — lembra com voz embargada e lágrimas nos olhos.

Três anos depois do reencontro, o silêncio causado pelo estranhamento entre mãe e filho não existe mais. Aos 11 anos, Efraim é um menino sorridente e carinhoso que sonha em ser designer de games.

— Ele chega todo dia da escola com muitas perguntas, e nós sempre conversamos. Quero que ele se torne um cidadão exemplar. Meu pensamento quando vim para o Brasil era “vou fazer um sacrifício no presente para ter um futuro melhor amanhã” — conclui.



Mãe de novo?

É se o segundo filho vem 20 anos depois do primeiro? Mãe de Muriel, 22, e Luiza, dois, a cabeleireira Aline Ledoux (na foto), 41, viu a vida mudar nas duas situações.

- Muriel nasceu quando eu tinha 19 anos. Com essa idade temos sede de viver, sair e viajar, o foco é voltado para si. Um filho muda as prioridades, o tempo não é só nosso. Eu tinha vontade de fazer um curso de inglês, mas aí pensava que era mais importante meu filho aprender, então com cinco anos ele começou a fazer aulas. Eu morava com meus pais, não tinha autonomia para ter minha própria casa, então foi um pouco complicado ter uma família dentro de outra família - afirma Aline.

Quinze anos depois do primeiro filho, ela não imaginava engravidar novamente e colocou prótese de silicone nos seios por meio de incisão na aréola (área pigmentada em torno do mamilo). O procedimento acabou comprometendo alguns ductos mamários, reduzindo o tempo de amamentação da segunda filha, fruto de seu relacionamento atual. Para ela, a disposição e as mudanças no corpo fazem a maternidade ser diferente depois dos 40.

- Acho que uma boa idade para ser mãe é aos 30. Debar para mais tarde é mais cansativo. No fim do dia, estamos exaustas e ainda é preciso encontrar energia para cuidar e brincar com os filhos, mas o corpo não responde como antes. Seis meses depois do parto do Muriel, eu voltei a ter o corpo de antes, com a Luiza isso foi acontecer depois de dois anos - afirma Aline, que desde de jovem tem o hábito de praticar atividades físicas e atualmente faz crossfit.

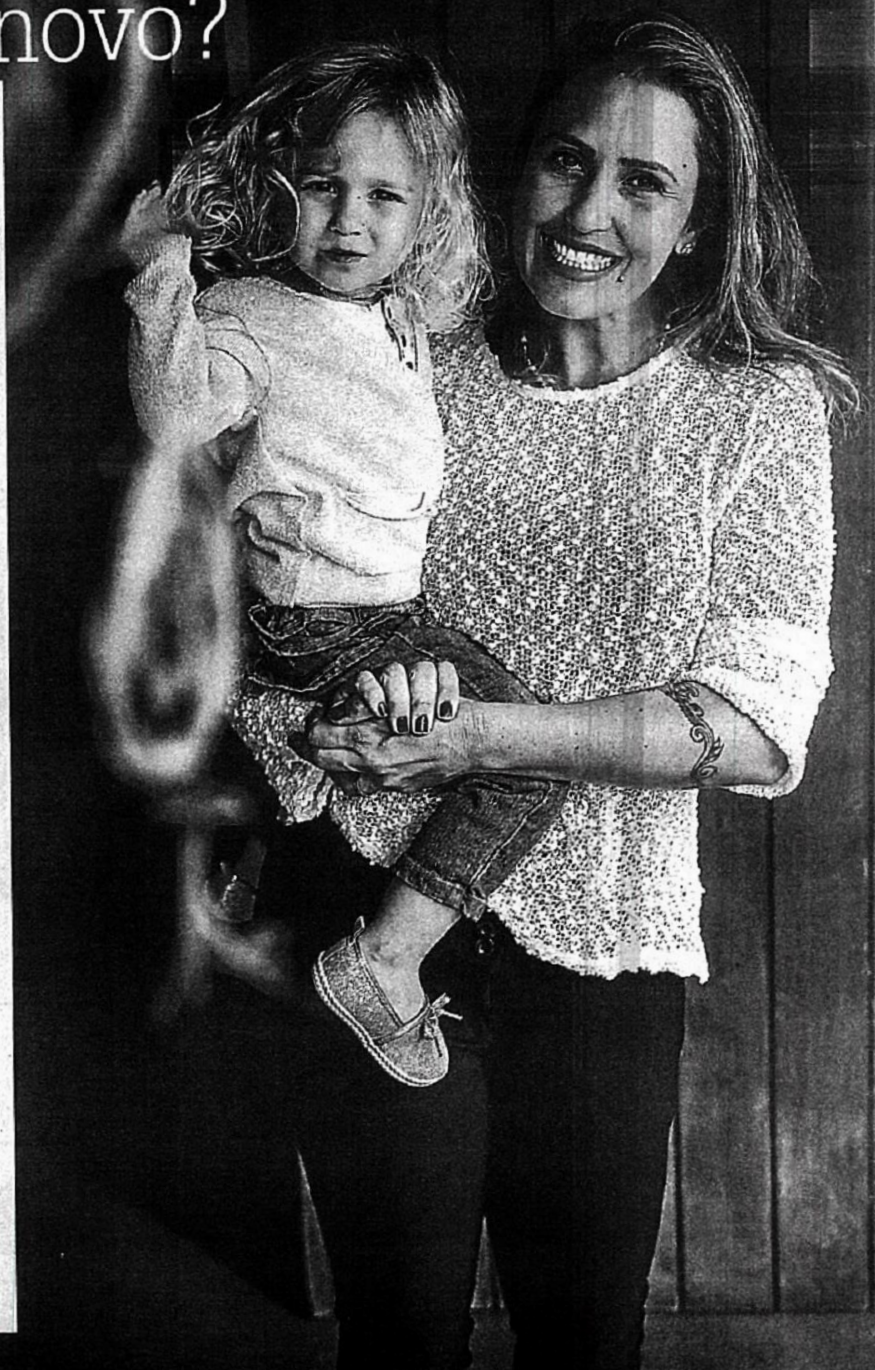
E por mais que a experiência do primeiro filho e a maturidade ajudem, as dúvidas nunca desaparecem.

- Priorizar trabalho ou filhos é sempre um dilema. Para estar mais perto da minha filha, resolvi fechar o salão que eu tinha na Lagoa da Conceição e montar na minha casa. Duas semanas depois do nascimento da Luiza, eu já estava atendendo - conta.

O mais velho está se formando na universidade, trabalha, já morou no Exterior, mas nem por isso a preocupação é menor.

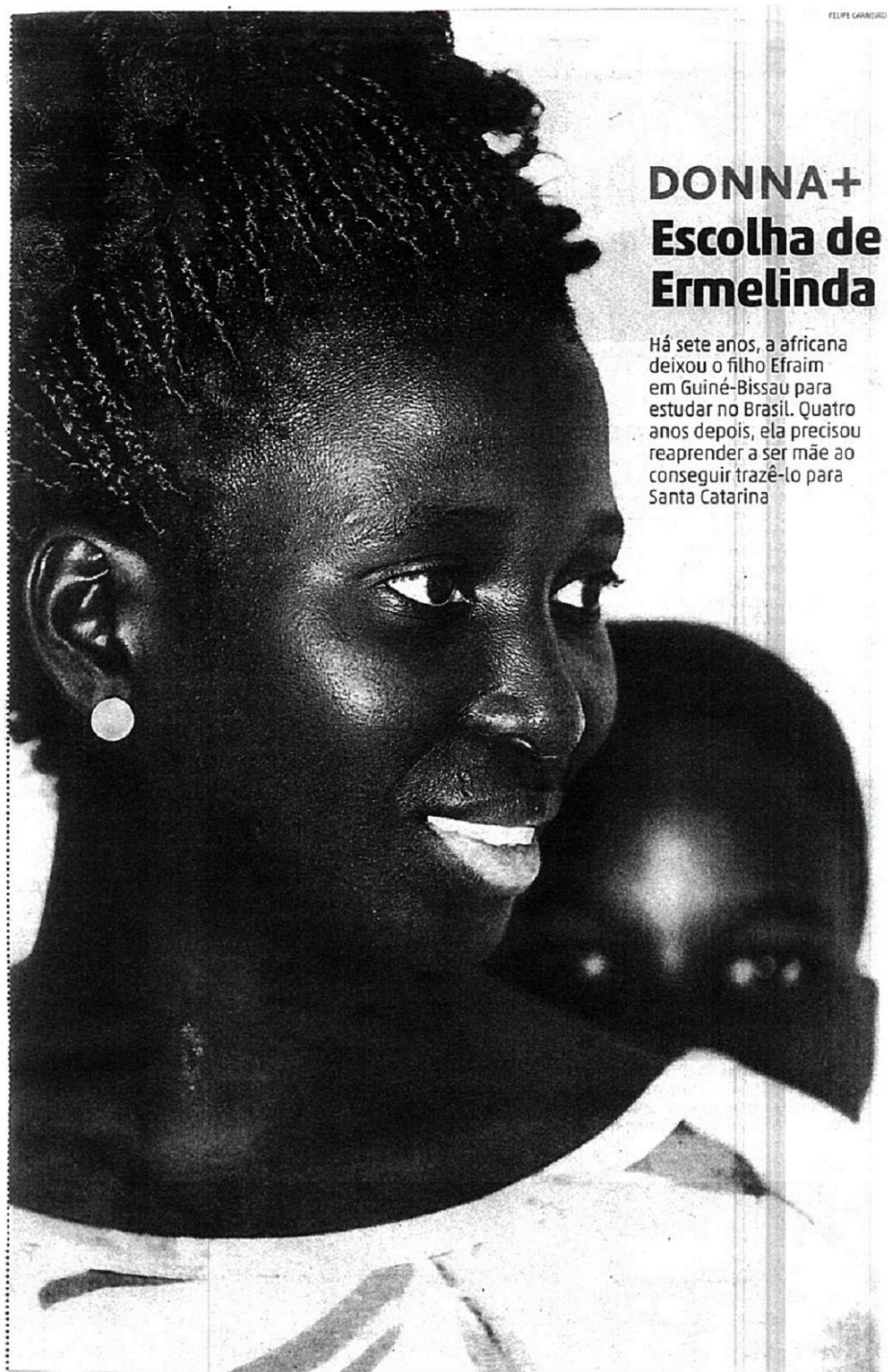
- Se sai à noite, peço para avisar se vai dormir em casa. Falo com ele quando não curto alguma atitude. Acho importante conversar. Ser mãe é isso, independente da idade dos filhos. Não tem essa história de missão cumprida - acredita Aline.

Entre acertos e erros, educar, amar e cuidar de outro ser é uma missão grandiosa, que só se aprende na prática e não deve ser responsabilidade exclusiva das mães. Pai, família, amigos e sociedade precisam julgar menos e participar mais, pois, como diz um provérbio africano "É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança".



Diário Catarinense
Donna
"Dilemas de mãe"

Dilemas de mãe / Ermelinda Quintunda / Escolhas / Virgínia do Vale / Gravidez / Parto normal / Cesariana / Florianópolis / Parto humanizado / Fernanda Schweitzer / Adaptação / Filhos / Universidade Federal de Santa Catarina / PEC-G / Programa de Estudantes-Convênio de Graduação / Brasil / Guiné-Bissau / África / Curso de Serviço Social / Curso de Ciências da Computação / Aline Ledoux / Maternidade



Diário Catarinense
6 e 7 de maio de 2017

REVISTADONNA.COM

domina



Dilemas de mãe

Histórias de mulheres como Ermelinda Quintunda, que precisou escolher entre a carreira e a presença do filho Efraim

Escolha

Diariamente fazemos escolhas. Desde as mais banais, como escolher entre café ou chá pela manhã, até as mais complexas, que mudam a vida da gente e, justamente por isso, tiram o sono, dão frio na barriga, apertam o coração. Ser mãe faz parte dessas escolhas importantes e definitivas, em que lidar com dilemas e tomar decisões torna-se um exercício constante, de resultados nem sempre previsíveis e controláveis, iniciado antes mesmo da chegada da nova vida.

Parto normal, cesárea ou humanizado?

Ao descobrir a primeira gravidez, Virginia do Vale, 26 anos (*foto ao lado*), começou a pesquisar sobre parto normal, era assim que ela queria que Tereza nascesse. Manteve uma alimentação saudável, cortou o café e os doces, praticou atividades físicas. Tudo parecia bem, mas, na última consulta, o médico disse que ela estava com pouco líquido amniótico (líquido com diversas funções, como envolver e proteger o bebê de choques e movimentos bruscos) e seria mais seguro fazer uma cesariana.

— Eu tinha me preparado muito para o parto normal. Fiquei frustrada por não ser como eu desejava, mas não podia colocar em risco a vida da minha filha. Prefiro confiar no profissional do que desconfiar e levar essa desconfiança para o resto da vida — lembra Virginia, na época com 23 anos.

Três anos mais tarde a experiência seria diferente. Numa manhã de outono em Florianópolis, após nove horas em trabalho de parto, nasceu Joaquim, menino forte e saudável, com 51 centímetros e quase quatro quilos.

— Fiz todo o acompanhamento na rede pública de saúde e escolhi ter o bebê em uma maternidade particular que é referência em parto humanizado. Eu estava mais tranquila, criei menos expectativas nessa segunda vez. Nem acreditei quando o parto terminou e eu tinha conseguido. Senti uma felicidade inexplicável. Com certeza, o parto normal é melhor, a recuperação é muito mais rápida, mas acho que as mães não devem ficar se cobrando, nem sempre é como planejamos — diz ela, que tempos depois da cesariana da

primeira filha ainda ouvia palpites sobre o que deveria ter feito e julgamentos de quem acha que “mães de verdade” são as mulheres que tiveram parto normal.

Em licença maternidade da loja de roupas onde é subgerente, Virginia curte a chegada de Joaquim e a interação da filha mais velha com o pequeno. Mesmo com apenas um mês e meio de vida, ele já conquistou o coração da irmã de três anos. — Tereza é muito carinhosa com ele, diz que Joaquim é o melhor amigo dela — comove-se.

Virginia e o marido ainda não decidiram se as crianças vão para a escolinha quando a licença maternidade acabar. Inicialmente, elas ficarão aos cuidados dele, que consegue trabalhar de casa e tem horários mais flexíveis.

Com quem ficam as crianças?

Quando ambos trabalham fora e em período integral, decidir com quem deixar os filhos é um dos grandes dilemas. Fernanda Schweitzer, 32 anos, analista de recursos humanos e doutoranda em Ciência da Informação, visitou cinco escolas antes de decidir onde o filho Max iria passar o dia.

— Eu queria um lugar em que dessem bastante atenção para ele. Me importava com a questão da limpeza, estrutura física, quantidade de educadores para cada criança. Era meu primeiro filho e estava com cinco meses e meio, então foi bem difícil — lembra Fernanda.

Na época, ela optou por uma escola que utilizava a abordagem Pikler, pedagogia para crianças de zero a três anos baseada nos princípios da liberdade de movimentos, brincadeiras espontâneas e vínculo da criança com o educador. Em poucos dias, Max já estava adaptado à nova rotina, mas para Fernanda não foi tão

rápido assim.

— Em um dos dias de adaptação, deixei o Max e pedi para ligarem depois dizendo como ele estava. Passava o tempo, era quase meio-dia e nada do telefone tocar. Preocupada, resolvi ligar, queria ir lá. A educadora disse que ele estava bem, tinha se alimentado e estava dormindo, não havia necessidade de eu ir até a escola. Chorei, fiquei arrasada pensando “como meu filho que até ontem dependia de mim para tudo, agora podia ficar longe da mãe?” — conta.

Passar pela mesma experiência com o segundo filho foi menos sofrido. Apesar da adaptação de Oto ter sido mais longa, pois ele chorava mais e recusava a alimentação, Fernanda estava mais tranquila e segura. Atualmente, Max (três anos) e Oto (um ano e dois meses) estão na mesma escola, escolhida entre uma série de critérios, como ser próxima de casa, ter área de lazer com grama natural, hortã, alimentação saudável com

acompanhamento de nutricionistas e, um grande diferencial para os pais, colônia de férias.

— Não temos dois meses de férias do trabalho, então precisamos de uma escola que ofereça colônia de férias. Trabalhamos o dia inteiro, nosso tempo livre com as crianças é à noite e nos fins de semana — comenta.

Para lidar com os dilemas da criação dos filhos e da carreira, Fernanda acredita na importância de manter o diálogo aberto com o marido e pais dos meninos.

— Há momentos em que não temos as respostas. Nem tudo é lindo e maravilhoso, se alguém fala que é, desconfie. Tenho uma amiga que diz que ser mãe é pensar em fugir e no plano de fuga incluir os filhos, que eram o motivo da fuga! Aqui em casa tomamos as decisões a partir de muito diálogo, isso é nossa base. Sou mais racional, ele é mais apaixonado, estamos sempre buscando o equilíbrio — diz Fernanda.

has de quem ama



Segue >

CAPA

Ir ou ficar?



Em 2010, a notícia da aprovação para ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina por meio do PEC-G (Programa de Estudantes - Convênio de Graduação), programa que oferece formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais, foi como uma bomba de sentimentos explodindo dentro de Ermelinda Quintunda (*na foto*), 27 anos. Vir para o Brasil significava realizar o sonho de estudar em uma universidade pública e conceituada, mas ao mesmo tempo deixar o filho de quatro anos na Guiné-Bissau, país com cerca de 1,8 milhão de habitantes na costa ocidental da África.

— Foi o maior dilema da minha vida. “Quero ir, não quero ir”, vários pensamentos passaram pela cabeça e eu comecei a sentir uma saudade antecipada do meu filho — recorda a estudante de serviço social.

As incertezas sobre como seria sua rotina de estudos e o custo de vida em Florianópolis fizeram Ermelinda deixar Efraim aos cuidados da avó paterna. Era a garantia de que ele estaria bem cuidado e no convívio familiar até as coisas se acilarem em terras brasileiras, onde o pai do menino havia chegado um ano antes para estudar ciências da computação.

Na casa da família, em Bissau, não havia acesso à internet, por isso a comunicação com o filho acontecia apenas por telefone, aos domingos. No início, o menino era falante e curioso sobre a vida dos pais no Brasil. Com o passar do tempo, ele foi ficando mais calado e menos interessado ao telefone, e isso causava uma dor profunda no coração de Ermelinda. A situação financeira do casal não era das melhores; vida de estudante, dinheirinho contado, constantes mudanças de endereço. Mas ela já não podia suportar a distância. Em 2014, com a ajuda de familiares e algumas economias, foi possível trazer Efraim e colocar um ponto final na saudade de quase quatro anos.

—Tive que recriar os laços com meu filho quando ele veio morar aqui. Perguntei por que ele falava pouco, e ele disse que era por não estar acostumado comigo — lembra com voz embargada e lágrimas nos olhos.

Três anos depois do reencontro, o silêncio causado pelo estranhamento entre mãe e filho não existe mais. Aos 11 anos, Efraim é um menino sorridente e carinhoso que sonha em ser designer de games.

— Ele chega todo dia da escola com muitas perguntas, e nós sempre conversamos. Quero que ele se torne um cidadão exemplar. Meu pensamento quando vim para o Brasil era “vou fazer um sacrifício no presente para ter um futuro melhor amanhã” — conclui.

Mãe de novo?

E se o segundo filho vem 20 anos depois do primeiro? Mãe de Muriel, 22, e Luiza, dois, a cabeleireira Aline Ledoux (na foto), 41, viu a vida mudar nas duas situações.

– Muriel nasceu quando eu tinha 19 anos. Com essa idade temos sede de viver, sair e viajar, o foco é voltado para si. Um filho muda as prioridades, o tempo não é só nosso. Eu tinha vontade de fazer um curso de inglês, mas aí pensava que era mais importante meu filho aprender, então com cinco anos ele começou a fazer aulas. Eu morava com meus pais, não tinha autonomia para ter minha própria casa, então foi um pouco complicado ter uma família dentro de outra família – afirma Aline.

Quinze anos depois do primeiro filho, ela não imaginava engravidar novamente e colocou prótese de silicone nos seios por meio de incisão na aréola (área pigmentada em torno do mamilo). O procedimento acabou comprometendo alguns ductos mamários, reduzindo o tempo de amamentação da segunda filha, fruto de seu relacionamento atual. Para ela, a disposição e as mudanças no corpo fazem a maternidade ser diferente depois dos 40.

– Acho que uma boa idade para ser mãe é aos 30. Deixar para mais tarde é mais cansativo. No fim do dia, estamos exaustas e ainda é preciso encontrar energia para cuidar e brincar com os filhos, mas o corpo não responde como antes. Seis meses depois do parto de Muriel, eu voltei a ter o corpo de antes, com a Luiza isso foi acontecer depois de dois anos – afirma Aline, que desde de jovem tem o hábito de praticar atividades físicas e atualmente faz crossfit.

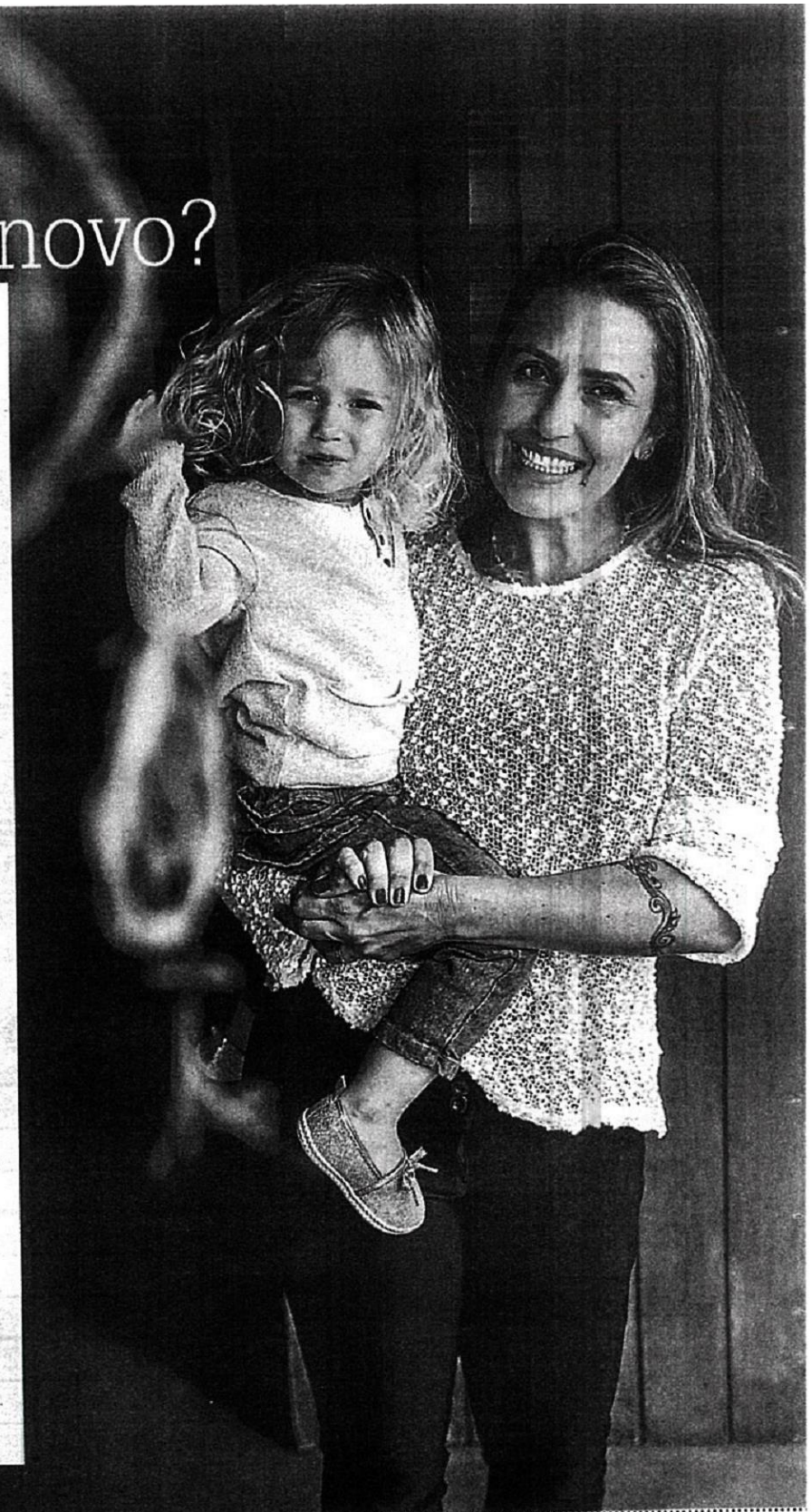
E por mais que a experiência do primeiro filho e a maturidade ajudem, as dúvidas nunca desaparecem.

– Priorizar trabalho ou filhos é sempre um dilema. Para estar mais perto da minha filha, resolvi fechar o salão que eu tinha na Lagoa da Conceição e montar na minha casa. Duas semanas depois do nascimento da Luiza, eu já estava atendendo – conta.

O mais velho está se formando na universidade, trabalha, já morou no Exterior, mas nem por isso a preocupação é menor.

– Se sai à noite, peço para avisar se vai dormir em casa. Falo com ele quando não curto alguma atitude. Acho importante conversar. Ser mãe é isso, independente da idade dos filhos. Não tem essa história de missão cumprida – acredita Aline.

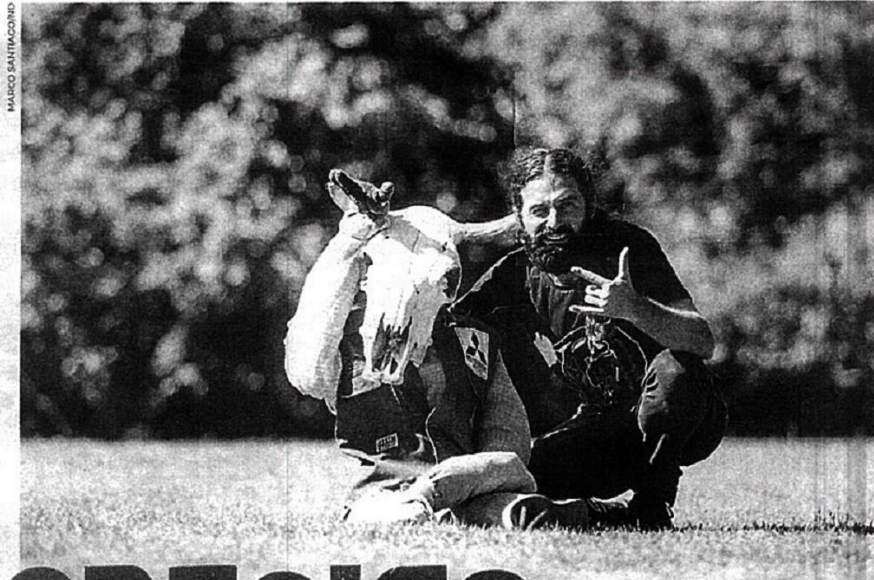
Entre acertos e erros, educar, amar e cuidar de outro ser é uma missão grandiosa, que só se aprende na prática e não deve ser responsabilidade exclusiva das mães. Pai, família, amigos e sociedade precisam julgar menos e participar mais, pois, como diz um provérbio africano “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”.



Notícias do Dia Plural "Sonzeira agrícola"

Sonzeira agrícola / Rock Rural Fest / São Pedro de Alcântara / Colônia alemã / Santa Catarina / Grande Florianópolis / Cancha do Nelson / Banda da Caverna / Vinícius Neves Zimmermann / Banda Fluxo Verbal / Emerson Vicente Medeiros / UFSCtok / Secretaria de Cultura de São Pedro

14/5 NOTÍCIAS DO DIA FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 6 E 7/5/2017



MARCO SANTILACONO

Vinícius Neves Zimmermann, o Vina, fez a primeira edição do evento no rancho do avô. Neste retorno do Rock Rural serão 22 bandas

O QUÊ: Rock Rural Fest 2017

QUANDO: 12 a 14/5, abertura dos portões 16h20

ONDE: Cancha do Nelson, Santa Teresa, São Pedro de Alcântara

QUANTO: R\$ 30 (três dias)

SAIBA MAIS: <http://bit.ly/2p2c4Gu>

Sonzeira agrícola

Quase dez anos depois, Rock Rural Fest volta a ser realizado em São Pedro de Alcântara

KARIN BARROS

Karin.barros@noticiasdodia.com.br

São Pedro de Alcântara, fundada em 1829, é a primeira colônia alemã de Santa Catarina. A pacata cidade da Grande Florianópolis, que conta com pouco mais de cinco mil habitantes (IBGE, 2013), ganhou há dez anos no calendário municipal um evento que já chegou a atrair 1,6 mil pessoas apaixonados por rock: o Rock Rural Fest.

Depois de nove anos sem uma edição, a festa está com data marcada para acontecer no próximo final de semana, entre os dias 12 e 14 de maio, na Cancha do Nelson, uma fazenda com mais de dez hectares, na localidade de Santa Tereza, e que mantém o contato com a natureza, uma das características do festival.

Quem deu o pontapé inicial no evento foram os integrantes da banda Da Caverna, formada por amigos de infância cansados de não terem onde se apresentar na região. Vinícius Neves Zimmermann, ou Vina, 36, natural de São Pedro, pediu na época ao avô que emprestasse seu rancho no sítio para fazerem uma festa. "Ele deixou com a condição que ficasse tudo limpo depois", lembra. Aquela festa, em que

o avô acabou sendo o maior apoiador, contou apenas com a apresentação da Da Caverna e da Fluxo Verbal, mas foi a primeira edição do que depois veio a ser a marca Rock Rural.

Por oito anos, o festival aconteceu de forma consecutiva. Foram sete edições em São Pedro e a última, no CTG Os Praianos, em Forquilha, São José. "Achávamos que precisávamos de mais estrutura, e lá teria o mesmo clima de campo, mas não deu certo. Recebemos muitas críticas e vimos que era melhor retornar para São Pedro, para o que era de fato rural", contou Vina.

O evento sempre teve foco no apoio à música autoral, que para Vinícius, é pouco valorizada na região até hoje. "Queremos ser uma vitrine para a música catarinense", diz Vina. Mas três bandas nacionais já estiveram na escalação do evento: Marcelo Nova, da Camisa de Vênus, Patrulha do Espaço e Orquídea Negra. A última edição do Rock Rural foi marcada pela homenagem ao amigo Emerson Vicente Medeiros, o Orelha, morto em 2007, que era integrante da Da Caverna. "Fizemos só por causa dele, mas depois entramos num período de luto e decidimos não fazer mais", relembra Vina.

Conheça as bandas selecionadas e convidadas

Apicultores
Clandestinos
Burn
Eutha
Skrotos
Da Caverna
The Dolls
Babba
Ninguém Sabe
Katss
Tumor do Bile
Parafuso Silvestre
Blame
Leite de Velha
Zoidz
Reus
Five boys
Napkin
Os Indirigíveis
Os Costeletas
Circo Quebra Copos
Rock Roach
Alkanza

Acampamento, oficinas e feira

Nesse tempo de pausa do Rock Rural Fest, Vina esteve envolvido em outros projetos, participando da organização do UFSCtok, e atuando na política, como conselheiro de política de cultura em Florianópolis, por exemplo. Agora, com a retomada do projeto do Rock Rural, Vina está se dedicando exclusivamente ao assunto e tentando captar verba para o evento, apesar de ter como característica principal o fato de ser underground, e ter apoio da Secretaria de Cultura de São Pedro.

Nas edições anteriores também a organização teve problemas com os moradores da cidade, que não viam com bons olhos as dezenas de ônibus chegando com pessoas vestidas de preto. "Hoje a cidade já entende que a música também é cultura, é um turismo de eventos diferenciado e agrega para imagem do município", afirmou Vina.

No evento do próximo final de semana, 22 bandas estão na programação, entre selecionadas e convidadas, como Skrotos, Blame, Leite de Velha e Os Costeletas. Entre os destaques está a Burn. "Ela é uma banda da década de 1970, de Barreiros, uma das mais antigas do Estado. É uma honra poder contar com eles", diz Vina.

Por causa do hiato de dez anos do festival, a expectativa de público para o evento é menor que nas últimas edições, algo entre 600 e 1,2 mil pessoas. O público, Vina afirma que são "jovens de todas as idades", e muitos motociclistas, já que a marca Rock Rural também virou um clube de motociclistas no Estado.

No festival, que recebe pessoas para acampamento, também haverá oficinas, exposição fotográfica, feira de artesanato e recreação infantil, tornando o Rock Rural um evento para toda a família.

Notícias do Dia Economia "Forte concentração de talentos"

Forte concentração de talentos / TI / Santa Catarina / Tecnologia / PIB / Produto Interno Público / Acate Tech Report 2015 / Acate / Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia / Neoway / Grande Florianópolis / Vale do Itajaí / Florianópolis / Brasil / Índice de Cidades Empreendedoras / Ana Madalena Bernal / Cat Company / Guilherme Boria / UFSC / Startup / Exchange Now / Tecnologia da informação / Darwin Starter / Marcos Almeida / João Bodanese / Mateus Bodanese / MyTapp / Midi Tecnológico Sebrae-SC / Kamila Bittarello

16.

CORRENTE
DOBEM
SANTA
CATARINA

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 6 E 7 DE MAIO DE 2017

Forte concentração de talentos

Próspero, segmento de TI abre oportunidades e atrai pessoas de outras regiões

Santa Catarina é o estado que mais cresce em número de colaboradores na área de TI e as empresas de tecnologia têm faturamento estimado em R\$ 11,4 bilhões, aproximadamente 5% do PIB (Produto Interno Bruto) catarinense. No total, 2,9 mil empresas de TI contam com 5,3 mil sócios empreendedores e mais de 47 mil funcionários. Esses números estão no estudo Acate Tech Report 2015, desenvolvido pela Acate (Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia) em parceria com a Neoway e lançado no ano passado.

As regiões responsáveis pela receita do setor tecnológico catarinense são a Grande Florianópolis, (901 empresas e faturamento de R\$ 4,3 bilhões) e o Vale do Itajaí (804 empresas e R\$ 2,9 bilhões). Ao considerar a renda média, o polo de Florianópolis é o terceiro maior do Brasil, com R\$ 4,7 milhões por empresa. Florianópolis também apareceu em destaque na Edição de 2016 do Índice de Cidades Empreendedoras, da Endeavor, vice-líder nacional como melhor cidade do país para empreender. Dois fatores explicam: capital humano e inovação. Na capital catarinense, o segmento supera em faturamento a indústria do turismo (mais de R\$ 4 bilhões) e emprego cerca de 12 mil pessoas.

Com tantos índices positivos, cresce o número de pessoas que chegam à Florianópolis para atuar nesse mercado. Um desses talentos é a gaúcha Ana Madalena Bernal, de 34 anos, gerente administrativa financeira da startup Cata Company. Formada em administração pelo Cesusc, ela atua na área de TI desde 2008. "O mercado de inovação da Capital é fascinante. Existe todo um ecossistema desenvolvido para esse setor, na qual entidades de classe promovem a cultura e a disseminação do conhecimento de práticas inovadoras, não só tecnológicas, mas de gestão", afirma Ana.

O mesmo sentimento é compartilhado por seu colega na Cata Company, Guilherme Boria, diretor da área administrativa da startup. "Quando me formei na UFSC eram poucas as oportunidades de trabalho na iniciativa privada que realmente valiam a pena. Mas agora o mercado já oferece excelentes possibilidades em empresas inovadoras e com políticas humanizadas de trabalho", observa Guilherme. ●

Equipe da Exchange Now, startup que se mudou de SP para Florianópolis pelo polo de investimentos da cidade



Startups inovadoras: varejo e câmbio

■ Apesar da retração econômica, os investimentos em tecnologia da informação cresceram 3% em 2016, acima da média mundial (2,4%). Uma startup que representa esse avanço é a Cata Company, que cresceu 350% em 2016, faturando mais de R\$ 12 milhões.

Ainda em 2016, a Cata Company, antiga Catamoeda, reformulou a marca, desenvolveu novos produtos e lançou sua operação em solo norte-americano. Criada há três anos na Lagoa da Conceição, a proposta da empresa era solucionar a falta de moedas no varejo. Hoje virou referência em tecnologia para o varejo e segurança.

Já a startup Exchange Now, que veio de São Paulo, chegou à Florianópolis no fim de 2016 para participar do programa de aceleração Darwin Starter. A empresa criou um aplicativo que ajuda pessoas e empresas a encontrarem a melhor cotação de câmbio onde estiverem.

Em Florianópolis estão concentrados importantes investidores com capacidade e potencial para fazer a Exchange Now crescer. Programas como o Darwin Starter, que oferecem aporte e mentoria para projetos nascentes, fazem da cidade o lugar ideal para construir um negócio", elogia Marcos Almeida, CEO da startup.

“

Capitais como São Paulo reúnem grandes empresas de tecnologia e atores do meio econômico, mas em Florianópolis estão concentrados importantes investidores com capacidade e potencial.

Marcos Almeida, CEO da Exchange Now

Inovação para tomar cerveja

■ A paixão por cerveja e tecnologia impulsionou os irmãos João e Mateus Bodanese a empreenderem. Eles criaram a MyTapp, um sistema de chopeiras eletrônicas ativadas por meio de um cartão pré-pago. A máquina foi idealizada em 2014, testada em 2015 e lançada em 2016. No total, já foram vendidas 213 Tapps para seis estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

MyTapp, junção das palavras inglesas My, Tap e App ("minha", "torneira de chope" e "aplicativo"). A startup desenvolveu uma tecnologia (hardware e software) que automatiza chopeiras. Funciona assim: o dono do estabelecimento instala a chopeira e os clientes utilizam um cartão com crédito pré-pago para liberar o chope. Além disso, os consumidores têm acesso a informações e descrições da bebida que escolherem. De acordo com Mateus, o diferencial é "fornecer uma experiência nova no consumo de chope. Com a MyTapp o cliente consegue consumir a quantidade que quiser do seu estilo preferido de cerveja e só paga por isso".

A empresa nascente é incubada do Midi Tecnológico, gerido pela Acate e mantido pelo Sebrae/SC. Isso facilitou a instalação da primeira máquina em Santa Catarina, que fica na sede da incubadora, na Acate.

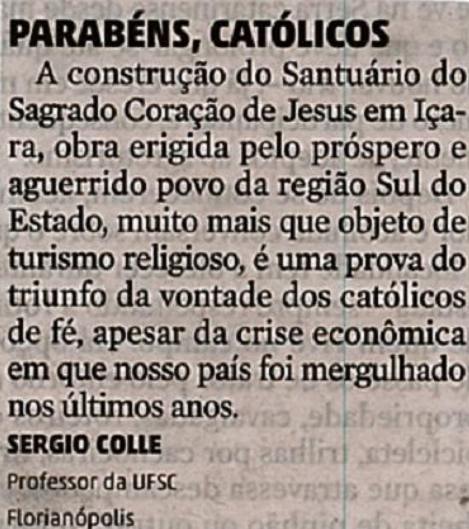
"No Midi incentivamos que os Incubados troquem experiências e contribuam para a evolução das soluções uns dos outros. Acreditamos que além de favorecer o produto final, essa interação soma para o fortalecimento do ecossistema catarinense de startups", reforça Kamila Bittarello, coordenadora técnica da incubadora.



João Paulo e Mateus Bodanese fundaram a MyTapp

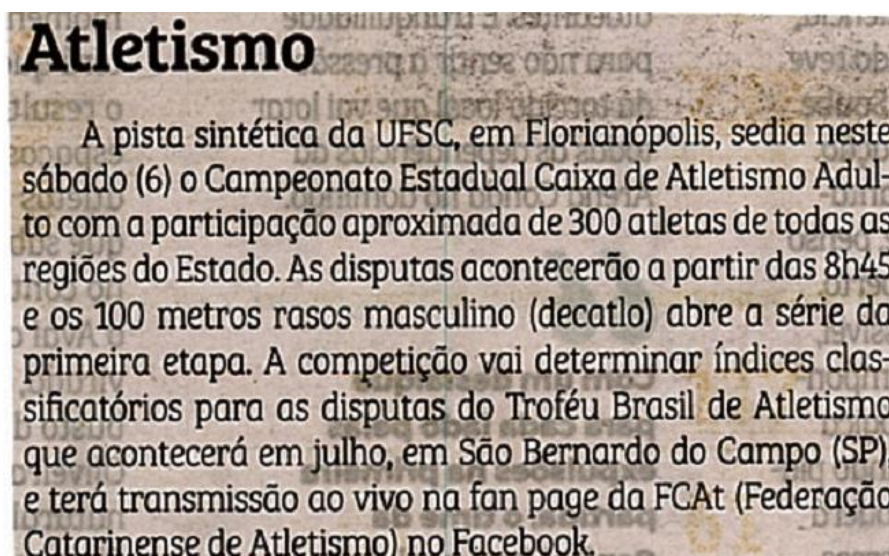
Diário Catarinense
Diário do Leitor
"Parabéns, católicos"

Parabéns, católicos / Sagrado Coração de Jesus / Içara / Sérgio Colle / UFSC / Florianópolis



Notícias do Dia
Esporte
"Atletismo"

Atletismo / UFSC / Pista sintética / Campeonato Estadual Caixa de Atletismo Adulto / Troféu Brasil de Atletismo / São Bernardo do Campo / FCAt / Federação Catarinense de Atletismo



Notícias do Dia
Esporte
"Jiu Jitsu 1 e 2"

Jiu Jitsu 1 e 2 / Copa RICTV / Rede Record TV / Fucas / Fundação Catarinense de Assistência Social / Florianópolis / Projeto Lutar para Vencer / Morro do Horácio / Tonicão / UFSC

Jiu Jitsu 1

Para incentivar a prática esportiva de crianças e adolescentes ocorre neste sábado (6) a primeira edição da Copa RICTV/Record TV de Jiu-Jitsu. O campeonato vai reunir 36 competidores no ginásio da Fucas (Fundação Catarinense de Assistência Social), em Florianópolis, a partir das 11h. Ao todo vão se enfrentar 18 duplas com faixa etária entre 5 e 15 anos. Além da possibilidade de aperfeiçoar a prática do jiu-jitsu, todos os competidores vão receber medalhas, de acordo com a colocação na luta. A Copa RICTV/Record TV de Jiu-Jitsu ocorre em parceria com o projeto "Lutar Para Vencer", ação realizada desde 2013, na comunidade do Morro do Horácio, em Florianópolis.

Jiu Jitsu 2

O hotel Torres da Cachoeira, na Cachoeira do Bom Jesus, sedia a partir das 15h30 desde domingo (7) o seminário de jiu jitsu do mestre faixa coral, Tonicão. O evento será realizado em comemoração ao aniversário de 20 anos da Equipe Edinho Silva. O mestre Tonicão foi um dos pioneiros do jiu jitsu em Santa Catarina, quando na década de 1980 deu suas primeiras aulas na UFSC e logo após montou seu tatame na Lagoa da Conceição onde difundia a arte suave. Nascido no Rio de Janeiro, mestre Tonicão treinou com Rolls Gracie e após sua morte continuou seu aprendizado com Rickson Gracie, ganhando dele a sua faixa preta.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

06/05/17

[Escolas infantis trocam o estudo pela brincadeira](#)

['Todo dia brincamos em família, nem que seja cantando', diz pai](#)

[Eduardo Viveiros de Castro investiga cultura araweté](#)